

Texturas...
Pedro Martins

Beira Baixa
— sob perspetiva

A Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa (CIMBB) assume como desígnio a valorização do território e das suas gentes. A dimensão cultural tem neste contexto um papel fundamental. Assim, a CIMBB, em articulação com os Municípios que a compõem, tem vindo a desenvolver um plano de programação cultural que permite valorizar as tradições, os artistas regionais e locais, dar a conhecer pontos de interesse diversos e, sobretudo, dignificar as nossas populações.

Entre os anos de 2018 e 2021 foram várias as iniciativas de âmbito cultural que permitiram distinguir a excelência deste território. A Beira Baixa tem vindo a afirmar-se no panorama nacional e tem assumido um posicionamento estratégico no que respeita à relação com a vizinha Espanha. É um trabalho de persistência que a CIMBB pretende continuar a implementar no território, em conjunto com as pessoas que dele fazem parte e com as instituições que o animam.

A Cultura é, sem margem para dúvida, a dimensão que nos distingue de outros territórios e aquilo que alimenta a nossa alma.

O presente Catálogo resulta de um trabalho empenhado onde a CIMBB foi capaz de evidenciar a riqueza do território, das tradições e das gentes através do olhar de artistas diversos, mas conhecedores da região.

Acreditamos que o trabalho em rede é o caminho certo, provavelmente o único possível, para se continuar a posicionar a Beira Baixa como um território de desenvolvimento sustentável, autêntico, atrativo, distintivo e de uma identidade singular.

Nós acreditamos!

— Luís Miguel Ferro Pereira
Presidente da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa



Um território ímpar

— CIMBB

Situado no centro de Portugal junto à raia, o território da Beira Baixa encerra em si uma vasta diversidade de elementos materiais e imateriais que lhe conferem, por um lado, uma forte unidade identitária e, por outro, uma diversidade ímpar, disseminada por cada Município que a constitui: Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão.

Percorrida pelos rios Tejo, Zêzere, Ocreza, Erges e Ponsul, e encaixada nas Serras da Gardunha, Malcata e Muradal, a Beira Baixa seduz cada visitante pela forma como as tradições que a sustentam, cultural e economicamente, se projetam numa vivência direcionada para o futuro.

Entre o xisto e o granito, os contrastes geográficos moldam a paisagem natural e a forma como as suas gentes foram construindo o património edificado de carácter civil, militar, religioso e etnográfico.



Jardim do Paço Episcopal, Castelo Branco
Arquivo CIMBB



Igreja do Convento de Santo António, Penamacor
Arquivo CIMBB

Esta é uma região de encantos monumentais, erguidos pela mão do Homem e pela força da natureza, com cidades erigidas pela espada de cavaleiros e que bispos e artistas embelezaram mais tarde, onde os sabores vindos da terra desafiam os sentidos e perpetuam memórias.

A história e cultura da Beira Baixa refletem-se um pouco por toda a parte. Do Jardim (histórico) do Paço Episcopal, mandado construir pelo bispo D. João de Mendonça, em 1720, a Monsanto — considerada a aldeia mais portuguesa de Portugal. Do Centro de Ciência Viva e da Floresta, repleto de desafios para todas as idades, ao Centro de Interpretação de Arte Rupestre do Tejo, local onde é possível observar fósseis, como trilobites, entre muitos artefactos, alguns com cerca de 300 milhões de anos.

Da panóplia de espaços culturais para descobrir na Beira Baixa, faz, também, parte o Museu Municipal de Penamacor, que, para além do valioso espólio arqueológico e de alguns notáveis apontamentos de arte sacra, dispõe ainda, de coleções tão díspares e surpreendentes como a de numismática, alfaias e apetrechos agrícolas, utensilagem e ferramentas de ofícios, e uma interessante mostra de exemplares embalsamados da fauna local, onde não falta o lince ibérico. Por fim, destaca-se Álvaro, uma das quatro Aldeias de Xisto da região, rica em património religioso, a aldeia foi outrora uma importante povoação para as ordens religiosas, nomeadamente a Ordem de Malta, que deixou inúmeros testemunhos da sua presença.

A Beira Baixa oferece-lhe inúmeras oportunidades para descobrir o que de melhor o País tem. A cada passo revela-lhe uma preciosa memória do Passado, à espera que a venha descobrir.



Álvaro, Oleiros
Arquivo CIMBB



Museu Municipal, Penamacor
Arquivo CIMBB



Centro de Interpretação de Arte Rupestre,
Vila Velha de Ródão
Arquivo CIMBB



Centro de Ciência Viva e da Floresta, Proença-a-Nova
Arquivo CIMBB

Texturas...

Pedro Martins

Beira, a longa espera

— Paulo Farinha

Esperar. Saber esperar. Pelo momento em que o vento provoca aquele efeito nos ramos de um sobreiro ou dobra as giestas numa sintonia coletiva perfeita. Esperar que o nevoeiro levante e deixe perceber melhor os contornos daquela escarpa. Esperar que a chuva abrande e o capacete de nuvens sobre a raia acrescente contraste àquelas azinheiras.

Boa parte da vida de um fotógrafo faz-se assim. À espera. Pela luz no campo, pela sombra no muro, pelo animal que passa, pelo gesto da pessoa. À espera do que não controla. Pode saber, pode prever, pode calcular, pode idealizar, pode rezar pelo que vai acontecer. E esperar por isso, de câmara em riste. Mas não controla.

Foi assim, também, com aquela imagem em particular. Durante o dia todo, o sol ora iluminava o cimo do monte, ora iluminava a parede da capela de São Pedro de Vir-a-Corça, perto de Monsanto (Idanha-a-Nova). A luz atravessava a renda de nuvens numa dança constante que durou horas e Pedro Martins sabia que só podia fazer aquilo: esperar. Até ao momento certo. Aquele em que o marco geodésico branco e negro lá em cima recebeu a mesma carícia de calor e luz que a capela cá em baixo. E ele disparou.

Das mais de três mil fotografias que tirou para este trabalho, esta imagem [p. 110-111] é uma das 55 que o fotógrafo teve de depurar para a exposição Beira Baixa sob Perspectiva (e que agora se reproduzem neste livro), incidindo sobre os concelhos de Penamacor, Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova e Oleiros. Será possível retratar a natureza e a geologia da Beira em meia centena de imagens? Ou nem as três mil chegavam?

Entre janeiro e abril de 2018, de cada vez que saía para o campo, Pedro levava com ele um bloco de notas onde apontava os nomes de locais por onde passava, as pessoas com quem falava, as pistas a explorar mais tarde, com esta ou aquela luz. A alguns sítios voltou três ou quatro vezes, até conseguir o que queria. Outros revelaram-se decepcionantes. Uns quantos foram surpresas imediatas. Como a Fraga da Água d'Alta, em Oleiros, a cascata que se precipita por cinquenta metros numa parede de quartzitos. Ou a ribeira da Isna, no mesmo concelho. Em todos eles, em todas as fotografias, a mesma preocupação em procurar as simetrias e as texturas, para compensar a falta de cor dos campos naqueles primeiros quatro meses de 2018.

Talvez seja aí, precisamente, nessa visão sensorial, nessa sensação de estarmos lá que nos é devolvida pelas imagens, que reside grande parte do mérito do fotógrafo.

Vemos as ervas tombadas pelo vento, o despontar do sol e o nevoeiro que teima em não ir embora, e somos nós que estamos lá, nas terras da raia. Junto aos caminhos de terra batida, perto das estradas nacionais que rasgam a paisagem, nas margens do Erges, do Zêzere, do Tejo ou do Ocreza, da ribeira da Malcata, do Alvito ou de São Martinho.

Nestas imagens, nestas em particular, Pedro não reteve pessoas. Esse lado do trabalho, que correu os seis concelhos retratados, ficou do lado de Valter Vinagre, autor das restantes cinco dezenas de fotografias que deram corpo à exposição Beira Baixa sob Perspectiva. Mas, em bom rigor, foram mesmo poucos os habitantes com que Pedro se cruzou naqueles quatro meses. Houve dias em que passava seis ou sete horas sem ver rostos. Porque já pouca gente vive em algumas aldeias dos concelhos (em Idanha-a-Nova, por exemplo, a densidade populacional é de 6,9 habitantes por quilómetro quadrado), porque muitos campos estão abandonados, porque não há emprego e os jovens vão à procura de estudo e de sustento noutras paragens, porque em dia de consulta os velhos abalam para Castelo Branco para ver o médico, porque em dia de feira a câmara municipal manda um autocarro para levar quem quiser ao mercado.

Noutro tempo e espaço poderíamos chamar-lhe migração ou êxodo, associado à quebra demográfica, mas é tudo isso, tudo junto. Nasce menos gente, fixam-se menos famílias, morrem mais velhos, fogem mais jovens para as cidades grandes e para o litoral, atrás do sustento que os campos já não dão. Dariam para comer, mas não dão para viver. Se em Castelo Branco, capital de distrito, vivem hoje 56 mil pessoas, mais 1200 do que em 1981, em todos os outros concelhos da Beira se verificou o oposto: há menos gente hoje do que há dez ou vinte anos — em Vila Velha de Ródão não há mais do que 3500 almas.

Onde já houve cereal cresce agora mato. Onde havia hortas restam as pedras a separar caminhos ou terrenos. Onde havia moinhos ou azenhas há agora teias de aranha e abandono. Estas imagens deixam também ver isso mesmo. Não mostram só o que existe há milhares de anos. Exibem com força o que cresce porque o homem já não ocupa, já não mexe, já não trabalha aqui, já não vive aqui.

O homem acaba por estar presente, mas de outra forma. Pelo ambiente que tentou domar, pelas estradas que construiu, pelos campos que lavrou, pelas capelas que ergueu num território onde o calendário anual ainda se organiza em função das festas religiosas. Já não há muita gente, mas há marcas de gente. Estão aqui também as casas — as de pedra, feitas à mão, como as de Cunqueiros, Proença a Nova, e as mais recentes, com anexos e janelas isolantes, painéis solares e conforto moderno, como as de Oliveiras —, os terrenos lavrados, os animais de pastoreio ou de capoeira, a roupa estendida em Figueira (Proença-a-Nova), a escada de madeira pendurada junto à forquilha em Vale da Ursa. Os sobreiros que

são mantidos e as oliveiras cuidadas, principal árvore cultivada na região, exemplo maior da cultura mediterrânica e que aqui encontram solo e o clima tão característicos.

Nos quase cinco mil quilómetros quadrados da Beira Baixa (com cerca de 1500 quilómetros quadrados cada um, Castelo Branco e Idanha-a-Nova são os terceiro e quarto concelhos com maior área do país, depois de Odemira e Alcácer do Sal), estão também os vestígios da industrialização e dos meios mecânicos para tirar partido da natureza e transformar o que ela dá. As fotografias de Pedro Martins também mostram isso. Como a mó no moinho de rodízio na ribeira de Oleiros, ou a lâ, o tear e a máquina no Museu dos Têxteis, em Cebolais de Cima.

São marcas de um tempo que não volta. A desertificação, o abandono dos campos, a procura de emprego nos grandes centros, as quotas da Europa, os custos elevados de produção, tudo isso levou as pessoas. Por isso é que é aos ciclos naturais que acabamos invariavelmente por voltar. A oliveira sobre um campo florido de estevas [p. 38] é a última fotografia captada para este trabalho. Mas foi outra, a que o fotógrafo escolheu para acabar esta seleção: a da copa de um sobreiro em Vila Velha de Ródão [p. 39], com o verde novamente a rebentar o que o fogo queimou no terrível verão de má memória de 2017. Talvez nenhuma outra imagem rematasse tão bem este portfólio como símbolo de espera e renovação. E de espera.

Paulo Farinha. Lisboaeta de nascimento, beirão do coração (o pai é natural de Penamacor, a mãe de Idanha-a-Nova). Jornalista há 22 anos, fez parte da equipa que lançou a edição portuguesa da National Geographic, onde foi coordenador editorial, editor e editor online. Foi editor executivo das revistas *Volta ao Mundo* e *Notícias Magazine* (*Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*) e chefe de redação da *DN Life*, *DN Ócio*, *Evasões*, *Evasões 360* e *DN 1864*. Escreve regularmente sobre família, relações e parentalidade, foi cronista da *Pais & Filhos*, da *Notícias Magazine* e do *Observador*. Coordena projetos, organiza conferências e modera debates sobre saúde, educação e família, entre outros temas. Sempre que pode, foge para a raia beirã.



Filipe Faria
Paisagem Sonora #1
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Proença-a-Nova

Proença-a-Nova

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

O projecto da Beira Baixa Cultural, no qual se insere a exposição Beira Baixa sob Perspetiva, surge da simplicidade desarmante de uma ideia fulcral para este território: a união de esforços para um bem comum, pois a Beira Baixa vale mais do que a mera soma de cada uma das suas partes.

Para abordar cada um destes municípios da Beira Baixa foram convidados dois fotógrafos, que, entre similitudes e dissemelhanças, partiram à (re)descoberta da região em busca do espírito da terra.

Da fotografia de Valter Vinagre - mais poética, mas crua - à fotografia de Pedro Martins - mais objectiva, mas lírica — o território vai revelando um tecido complexo, que, recortado ao seu próprio modo, é construído a partir de uma mesma trama, feita de paisagem, de texturas e de pessoas.

Na sua vertente expositiva, o conceito de Beira Baixa sob Perspetiva alia o estudo fotográfico do território ao património museológico de cada concelho, apresentando peças relacionadas com temas definidos, expressamente seleccionados para cada espaço expositivo.

O momento inaugural, em Proença-a-Nova, associou à imagem fotográfica a primeira das instalações sonoras, que viriam a integrar a exposição, desenhadas por Filipe Faria a partir desse património de consistência imaterial que é o som dos lugares.

O fruto das suas recolhas traduz, de uma forma subtil, o âmago daquilo que é partilhado pelas pessoas de cada concelho - sendo a comunidade o verdadeiro património comum.

A recepção deste elemento foi tão calorosa e positiva, que foi inevitável estender a iniciativa a todos os concelhos.

Orvalho-do-Sol (série Texturas)
Aldeia do Vale da Ursa, Póvoa-a-Nova, Portugal





Cunqueiros (série Texturas)
Proença-a-Nova, Portugal

Casa da Nora (série Texturas)
Figueira, Proença-a-Nova, Portugal



Velho Castanheiro (série Texturas)
Aldeia do Vale da Ursa, Proença-a-Nova, Portugal



Ferramentas (série Texturas)
Aldeia do Vale da Ursa, Proença-a-Nova, Portugal



Ribeira do Alvito (série Texturas)
Ribeira do Alvito, Cova do Alvito, Proença-a-Nova, Portugal

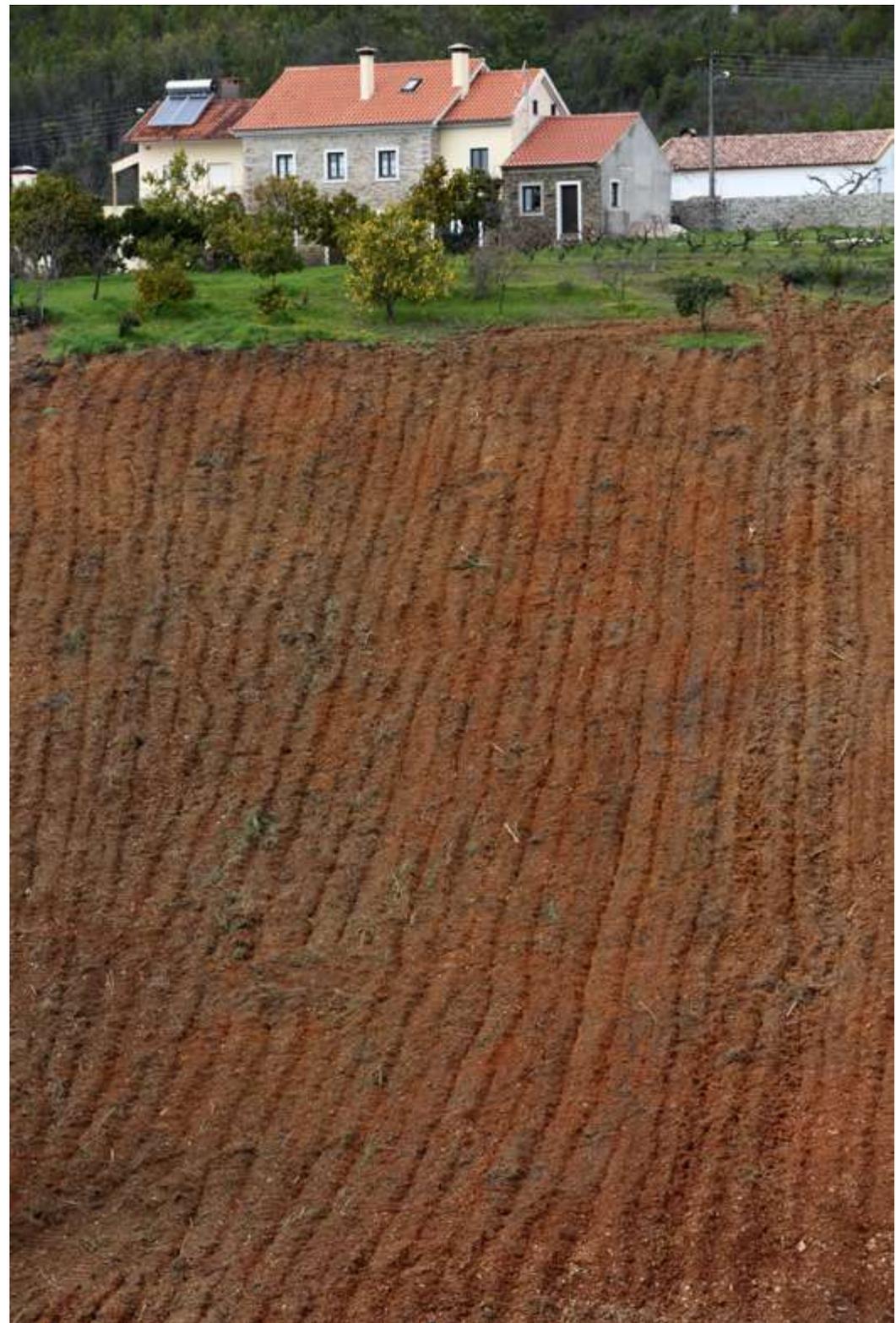


Fraga (série Texturas)
Ribeira do Alvito, Alvito da Beira, Proença-a-Nova, Portugal



Grutas da Lapa (série Texturas)
Portas de Almourão, Sobral Fernando, Proença-a-Nova, Portugal

Oliveiras (série Texturas)
Oliveiras, Proença-a-Nova, Portugal



Estendal (série Texturas)
Figueira, Proença-a-Nova, Portugal





Roda Vertical (série Texturas)
Catraia Cimeira, Proença-a-Nova, Portugal



Filipe Faria
Paisagem Sonora #2
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Vila Velha de Ródão

Vila Velha de Ródão

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

De minimal e intimista, a exposição foi ocupar todo o espaço da Casa de Artes e Cultura do Tejo, em Vila Velha de Ródão, a etapa seguinte. Nesta subversão de perspectiva, o tema escolhido foi, também, o menos óbvio, reflectindo, no entanto, um aspecto que é absolutamente transversal a este território, sob todos os aspectos: o azeite.

Trabalho. Luz. Gastronomia. Sagrado. Renovação. Qualquer das referências extrapola o seu significado para o íntimo ou o público, pontos de partida para tomar o azeite na vertente estética e simbólica da sua materialidade. Da escada ao fuso de prensa, passando pela lanterna, a talha ou sifão-aquecedor, todos são objectos de beleza. A sua exposição quis evocar o sentimento do belo no que é familiar, apanhando o olhar desprevenido de quem ultrapassa a familiaridade e se deixa surpreender pela vertente estética.





Página anterior
Olival (série Texturas)
**Rio Tejo. Estação da CP do Fratel.
Vila Velha de Rodão. Portugal**



Resiliência (série Texturas)
Castelo do Rei Wamba. Vila Velha de Rodão. Portugal

Primavera (série Texturas)
Cais do Tejo. Vila Velha de Rodão. Portugal





Cais do Tejo (série Texturas)
Rio Tejo, Vila Velha de Rodão, Portugal



Falha (série Texturas)
Foz do Cobreão, Vila Velha de Rodão, Portugal



Estreitamento (série Texturas)
Portas de Almourão, Foz do Cobreão - Vila Velha de Rodão, Portugal



Beira Rio (série Texturas)
Rio Tejo, Vila Velha de Rodão. Portugal



Encruzado (série Texturas)
Foz do Cibrão, Vila Velha de Rodão. Portugal



Crista (série Texturas)
Portas de Almourão, Vila Velha de Rodão, Portugal



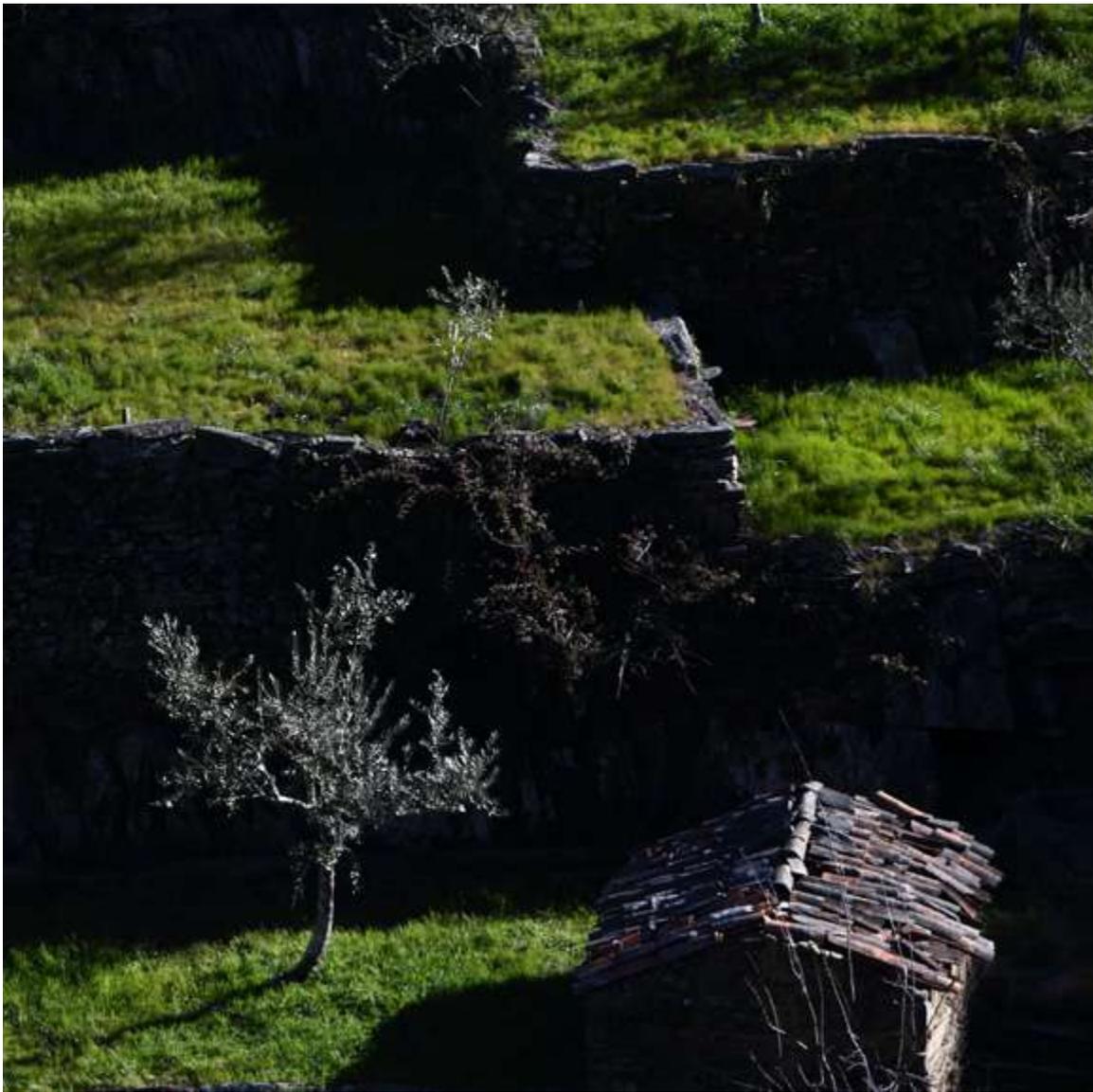
Filipe Faria
Paisagem Sonora #3
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Oleiros

Oleiros

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

Para Oleiros foram escolhidas peças que pudessem representar, de forma consistente, as mulheres do território. A bilha e a rodilha, de Oleiros, são símbolos de esforço e dedicação; a máquina de escrever de Isilda Martins, de Sobreira Formosa/Proença-a-Nova, testemunha a busca de conhecimento e a sua partilha; os arreios do coche de Carlota Pina Ferraz, de Penamacor, alegoria de independência, iniciativa e determinação; a coroa de flores da Dança das Virgens, de Lousa/Castelo Branco, representação da performatividade feminina; a colcha em *patchwork* feita por Ermelinda Cargaleiro, de Chão das Servas/ Vila Velha de Ródão, marca da criação artística e do espírito empreendedor; e a sertã, garfo e trempes, usados para fritar as filhós à lareira, de Josefina Pissarra, metáfora para a comunidade e amor familiar em Penha Garcia/ Idanha-a-Nova .





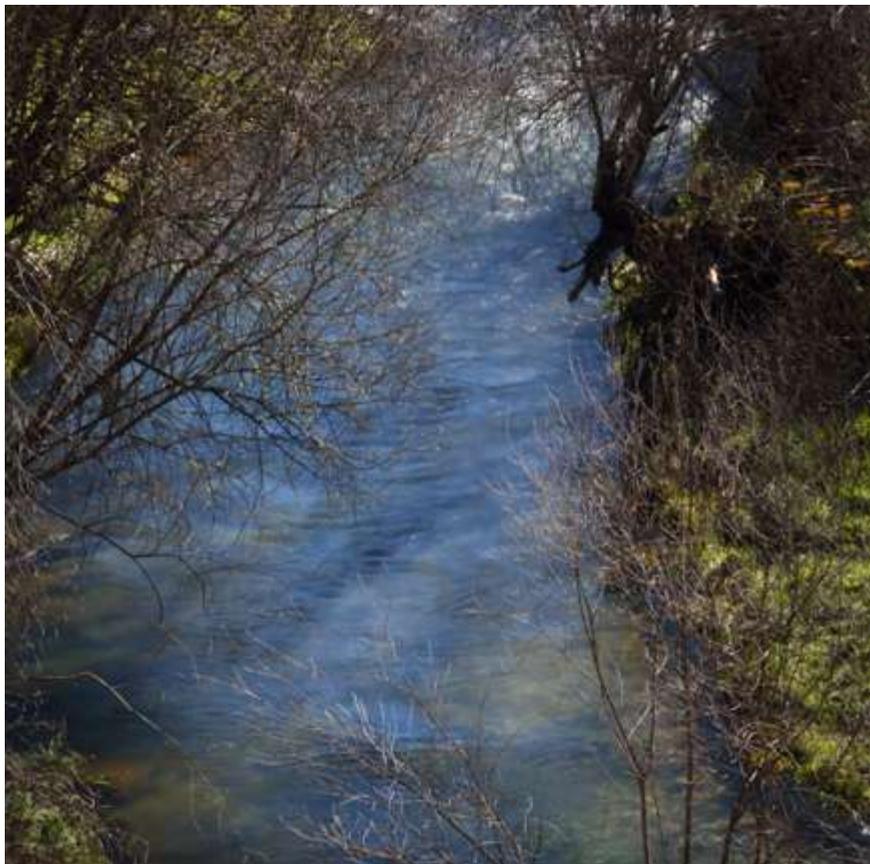
Socalcos (série Texturas)
Ribeira da Isna, Oleiros. Portugal



Oliveira (série Texturas)
Ribeira da Isna, Oleiros. Portugal

Página seguinte
Montes e Vales (série Texturas)
Lontreira, Oleiros. Portugal

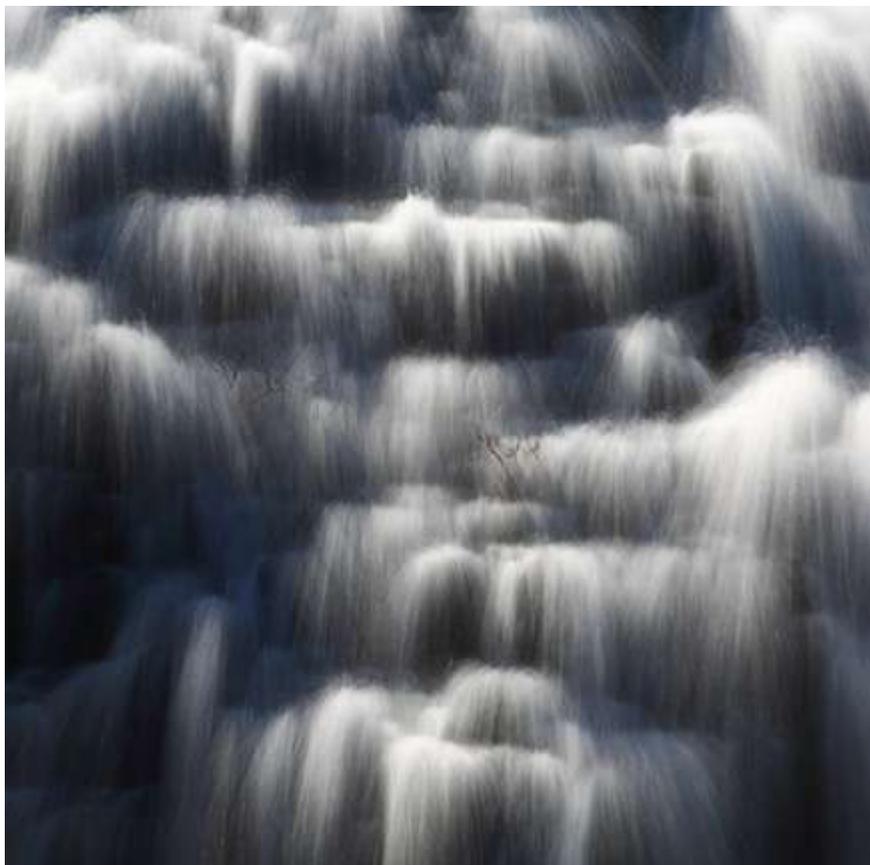




Recanto (série Texturas)
Ribeira de Oleiros, Oleiros, Portugal



Rosto (série Texturas)
Ribeira da Isna, Oleiros, Portugal



Movimentos III (série Texturas)
Azenha do Barbeiro, Ribeira da Isna, Oleiros, Portugal



Movimentos I (série Texturas)
Vale Souto, Oleiros, Portugal



Movimentos II (série Texturas)
Ribeira da Isna, Oleiros, Portugal



Ilhéu (série Texturas)
Rio Zêzere, Cambas, Oleiros, Portugal



Rodizio (série Texturas)
Ribeira de Oleiros, Oleiros, Portugal



Filipe Faria
Paisagem Sonora #4
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Castelo Branco

Castelo Branco

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

Transcendendo o tempo e tão transversal ao território hoje como outrora, a romanidade foi a temática escolhida em Castelo Branco. As colecções museológicas à guarda do Museu Francisco Tavares Proença Júnior continuam a agregar a longa memória histórica da Beira Baixa. Bebendo da fonte do conhecimento arqueológico, exibiram-se peças do acervo MFTPJ, a par de peças do acervo dos municípios e de coleccionadores privados, sendo este último – que, no fundo, somos todos nós – singularmente representativo da proximidade que a comunidade tem com a memória de Roma.





Passa Fios (série Texturas)
Mutex — Museu dos Têxteis, Cebolais de Cima, Castelo Branco, Portugal



Lã Tingida (série Texturas)
Mutex — Museu dos Têxteis, Cebolais de Cima, Castelo Branco, Portugal



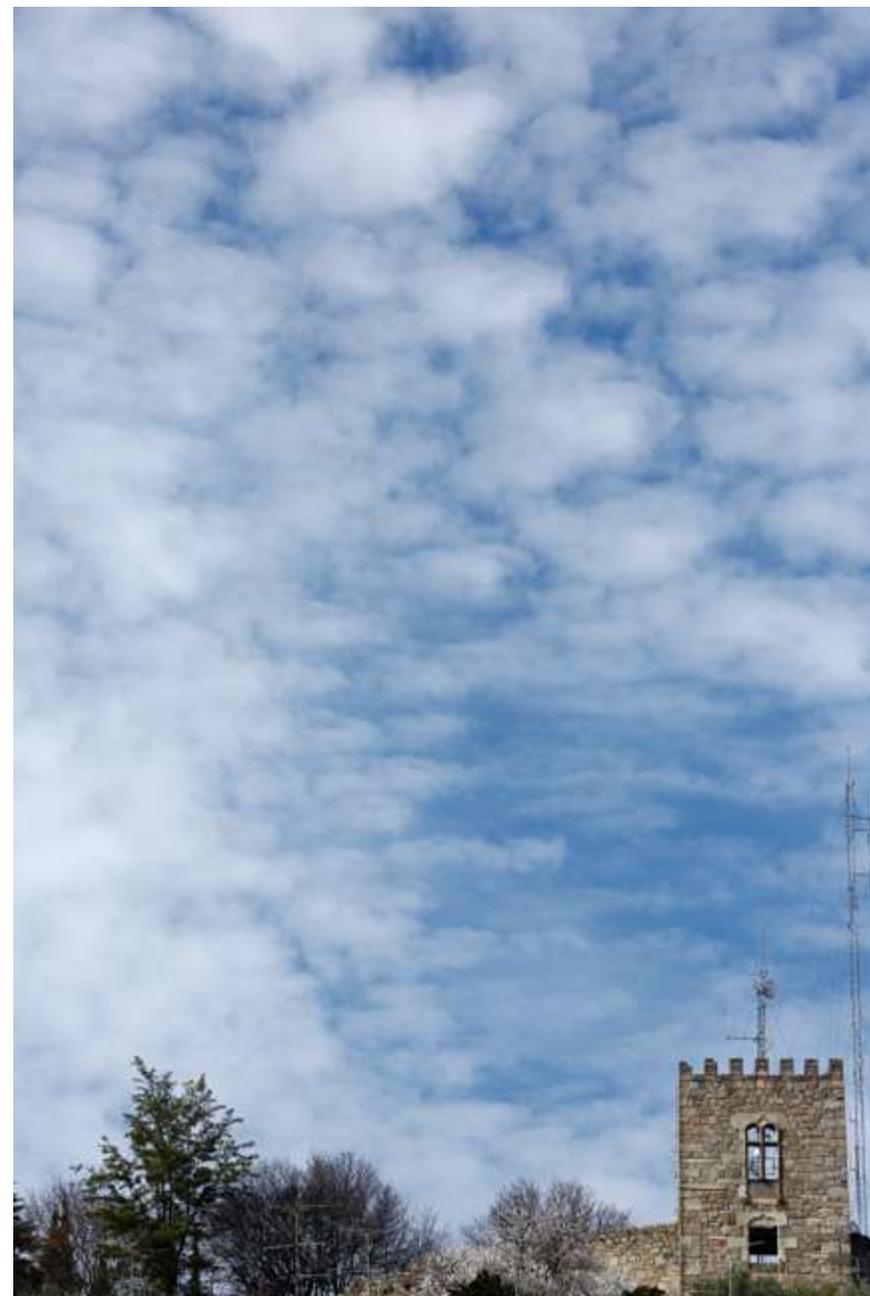
Líquenes (série Texturas)
Monte de São Martinho, Castelo Branco, Portugal



Primeira Luz (série Texturas)
CCCCB - Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, Portugal



Granito (série Texturas)
Barrocal, Castelo Branco. Portugal



Torre (série Texturas)
Zona Histórica, Castelo Branco. Portugal



Portas (série Texturas)
Barrocal, Castelo Branco. Portugal



Equilíbrio (série Texturas)
Barrocal, Castelo Branco. Portugal

Página seguinte
Neblina (série Texturas)
Barrocal, Castelo Branco. Portugal







Filipe Faria
Paisagem Sonora #5
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Penamacor

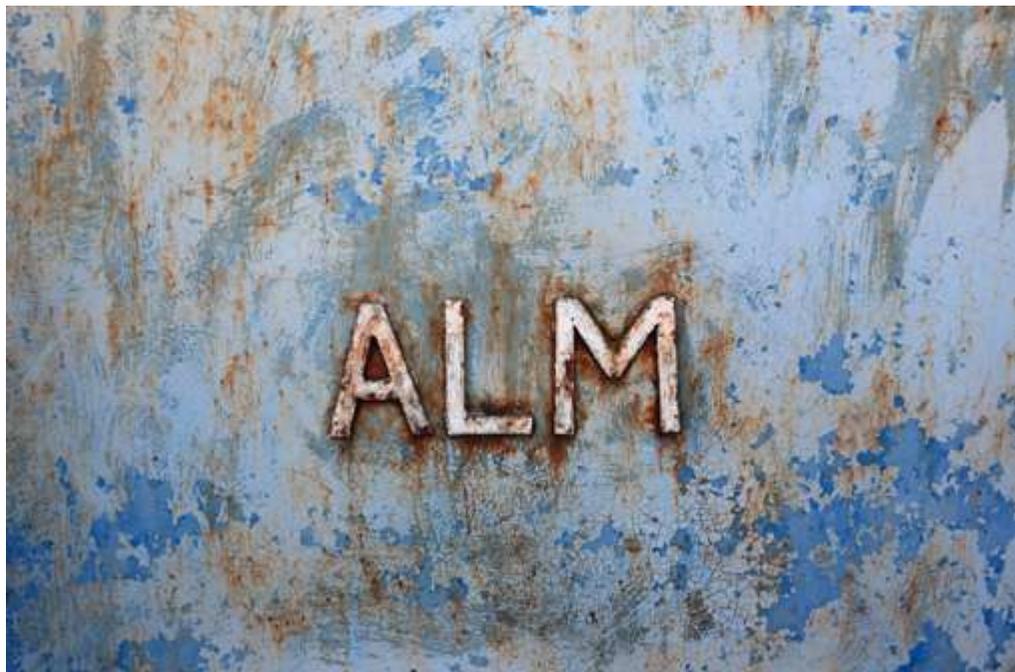
Penamacor

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

Para o penúltimo capítulo da exposição, a Beira Baixa foi perspectivada sob o prisma da fé.

A Fé, enquanto traço de união através da celebração, comunitária e popular testemunhada pelas festas de cada lugar, foi o elemento congregador do território no momento que coube a Penamacor. Aqui, escolhemos peças devocionais com foco no masculino: o Santo António, da colecção do Padre João Pires de Campos — Penha Garcia / Idanha-a-Nova -, alude à crença na vertente quotidiana, familiar; peça maior da colecção do Museu de Arte Sacra da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, São Tiago de Compostela testemunha a grandiosidade e beleza na fé, mas também o espírito de sacrifício. A réplica do Cristo Rei da Capela de Amarelos/ Vila Velha de Ródão é uma alegoria do sentido de comunidade e do conforto que a fé, e os outros, podem dar; já o estudo de bronze, em escala reduzida, do Crucifixo da Igreja das Águas/ Penamacor traz consigo a actualidade dos rituais, ilustrando o modo como a religião é marcada pela arte contemporânea na sua busca do transcendente e do belo.

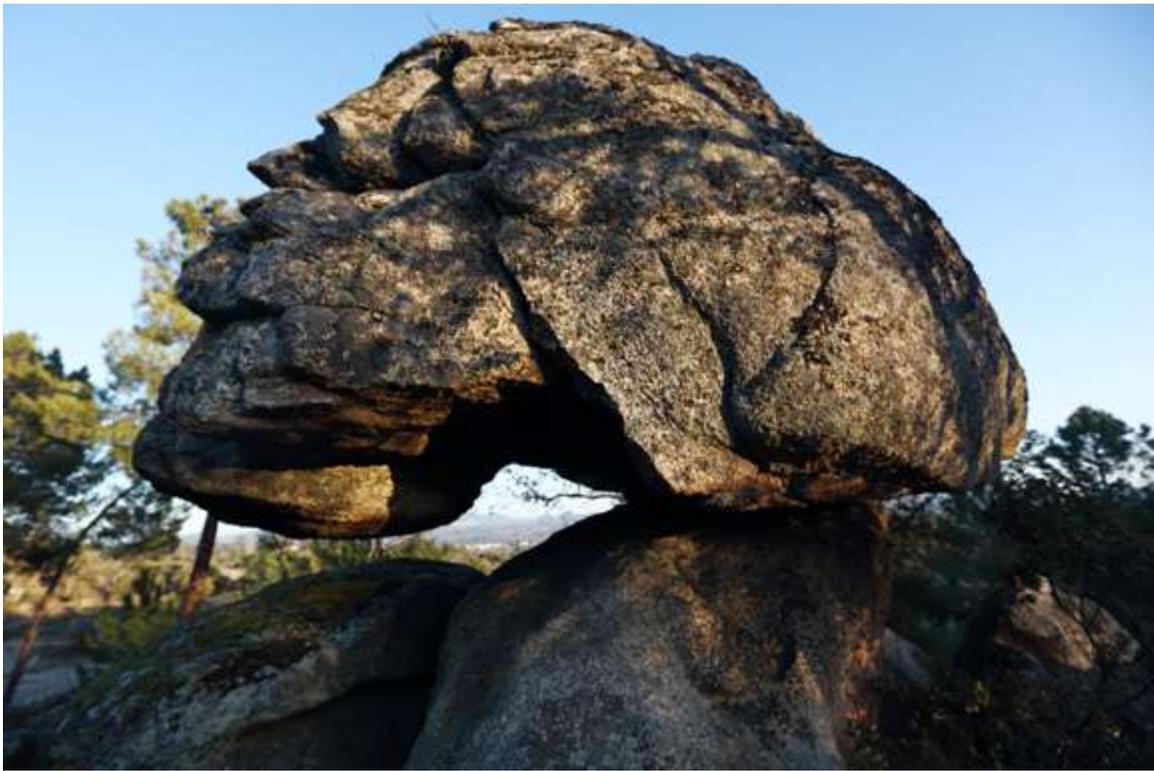




Registo de Propriedade (série Texturas)
Penamacor, Portugal



Cruzes (série Texturas)
Águas, Penamacor, Portugal



Equilíbrio (série Texturas)
Aldeia de João Pires, Penamacor. Portugal



Acrobacias (série Texturas)
Pedrogão de São Pedro, Penamacor. Portugal









Filipe Faria
Paisagem Sonora #6
Biofonias, Geofonias
e Antropofonias
de Idanha-a-Nova

Idanha-a-Nova

— Mariana Salgueiro e Paulo Longo

A Idanha-a-Nova coube, por fim, a síntese. Todas as imagens que percorreram o território, passo a passo, tiveram aqui o seu encontro. Entre o olhar de Pedro Martins e Valter Vinagre, e as paisagens sonoras de Filipe Faria, há um regresso à premissa inicial: uma viagem de estudo pelo património partilhado dos seis concelhos, reveladora de perspectivas e valores culturais menos conhecidos, alguns deles segredos bem guardados a que urge dar a devida visibilidade a par de novas leituras.

A experiência de cada edição trouxe consigo a definição de linhas de abordagem a partir de um potencial que assenta, antes de mais, na realidade dos lugares, nos acervos museológicos municipais e no explorar de novas formas de diálogo em matéria de cultura e identidade.

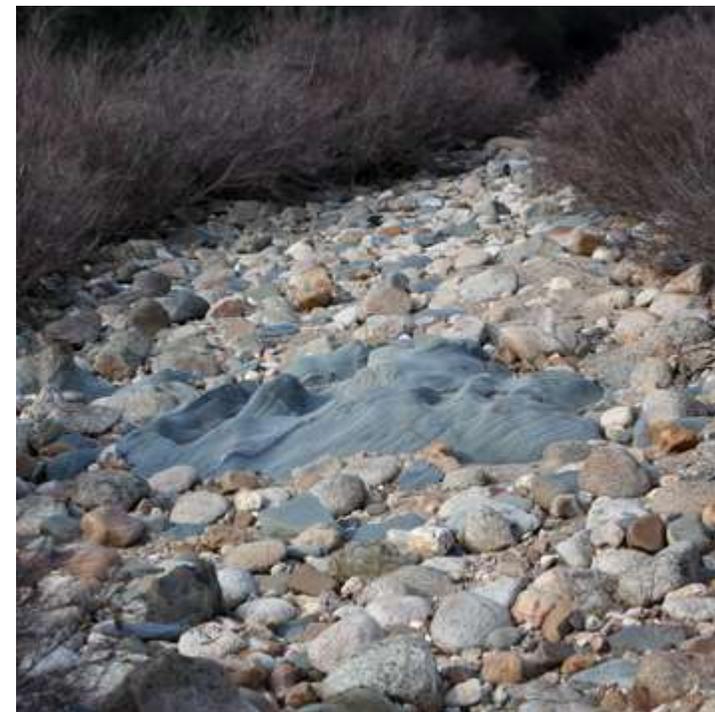
O que a cada um nos difere, num determinado momento ou espaço, é sempre susceptível de encontrar um ponto de equilíbrio comum, sobre o qual pode assentar um diálogo rico e construtivo. Esperamos poder afirmar que este projecto trouxe à luz mais um traço de união a uma Beira Baixa feita de tantas e tão singulares diferenças.



Enrugamento (série Texturas)
Rio Erges, Segura - Idanha-a-Nova, Portugal



Sozinha (série Texturas)
Rio Erges, Salvaterra do Extremo - Idanha-a-Nova, Portugal



Rio Seco (série Texturas)
Rio Erges, Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova, Portugal



Rio Erges (série Texturas)
Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova, Portugal



Em Linha (série Texturas)
Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova, Portugal



Tonalidades II (série Texturas)
Rio Erges, Segura, Idanha-a-Nova, Portugal



Tonalidades (série Texturas)
S. Pedro de Vir-a-Corça, Monsanto - Idanha-a-Nova, Portugal



Diagonal (série Texturas)
Oledo, Idanha-a-Nova, Portugal

Página seguinte
S. Pedro de Vir-a-Corça (série Texturas)
Monsanto, Idanha-a-Nova, Portugal





O Galo (série Texturas)
Monsanto, Idanha-a-Nova, Portugal



Tempestade (série Texturas)
Monsanto, Idanha-a-Nova, Portugal

Fotografia

Pedro Martins

(n. 1976, S. Vicente da Beira, Castelo Branco) fotografa desde os quinze anos, sendo fotógrafo profissional desde 2003. Fotojornalista na agência “Global Imagens” desde 2014, colabora com imprensa portuguesa e estrangeira, nomeadamente na revista “National Geographic Portugal”, desde 2004, de forma regular. É formador na área da fotografia, orientando vários workshops e passeios fotográficos. Trabalha ainda com várias empresas e agências, como a “Play Me – Design” e a “4SEE photo”, entre outras. É fotógrafo acreditado da empresa Robisa e embaixador da marca “Tamron” em Portugal. Co-autor dos livros “Geopark Naturtejo da Meseta Meridional – 600 milhões de anos em imagens”, “Olhos nos Olhos”, uma abordagem à macrofotografia, e mais recentemente “Alma da Beira”.

Instalações Sonoras

Filipe Faria

(n.1976, Lisboa)

Pai, músico, autor, programador, produtor e investigador. Fundador, director artístico e de produção e tonmeister da produtora e editora Arte das Musas (2000–) com a qual cria e desenvolve projectos originais nas áreas da música, arte sonora, filme documental, artes plásticas, fotografia e programação. Fundador e director artístico dos consorts de música antiga e contemporânea Sete Lágrimas ECMC (1999–) – 12 CD + 350 concertos em Portugal, Bulgária, Itália, Malta, Espanha, China, Suécia, França, Bélgica, Noruega, Luxemburgo e República Checa – e Noa Noa (2012) – 4 CD + 50 concertos em Portugal, França, Bélgica e Japão – e dos Festivais Terras sem Sombra (2003–2010) e Fora do Lugar – Festival Internacional de Músicas Antigas — em Idanha-a-Nova (2012).

Edição
Comunidade Intermunicipal
da Beira Baixa

Curadoria
Mariana Salgueiro
e Centro Cultural Raiano
/ Idanha-a-Nova

Textos
Luís Miguel Ferro Pereira, CIMBB,
Luís Pedro Cabral, Mariana
Salgueiro, Paulo Longo

Design
Napperon

Pré-impressão
Black Box atelier

Impressão
Norprint – a casa do livro

Tiragem
500 exemplares

1ª edição:
Março 2021

ISBN
978-989-33-1362-6

Depósito legal
480335/21

2021© Fotografias: Pedro Martins
2021© Textos: os autores
2021© Comunidade Intermunicipal
Beira Baixa

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação
pode ser reproduzida, armazenada
em sistemas de recuperação
ou transmitida de alguma forma
ou meio electrónico, mecânico,
fotocópia, gravação ou qualquer
outro sem a autorização prévia por
escrito dos autores.

<http://cultural.beirabaixa.pt/>

Exposição

Fotografia
Pedro Martins

Curadoria
Mariana Salgueiro
e Centro Cultural Raiano
/ Idanha-a-Nova

Conceito original
Paulo Longo, Centro Cultural
Raiano / Idanha-a-Nova

Itinerância
Proença-a-Nova, Oleiros,
Vila Velha de Rodão,
Castelo Branco, Penamacor,
Idanha-a-Nova

—
Este projecto expositivo é desenvolvido no âmbito do Beira Baixa Cultural, iniciativa cofinanciada pelo Programa Regional Centro 2020, Portugal 2020 da União Europeia através do FEDER.